

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**FIL 2651 -
1CA**

Questões de Filosofia Moderna
**Filosofia Política e Modernidade: em torno de Hans Blumenberg,
Norbert Elias e Robert Venturi**

PERÍODO-

CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 HORAS

CRÉDITOS: 3

Horário
4as Feiras
9:00/12:00

PROF.:
Renato Lessa

OBJETIVOS

O curso terá como objetivos a leitura e a reflexão a respeito de duas interpretações da emergência da modernidade, tal como postas nas obras de Hans Blumenberg e Norbert Elias. Embora tal fenômeno possa ser considerado sob ponto de vista histórico, importa aqui pensá-la como *processo imaginativo de configuração de formas de vida*. A expressão em itálico contém duas referências importantes para o trajeto: a imagem wittgensteiniana das *formas de vida dos humanos* – tal como posta nas *Investigações* - e a perspectiva cética e construtivista desenvolvida por Nelson Goodman, em torno da ideia de *fabricação de mundos*, em sua obra *Modos de Fazer Mundos*.

Em adição, o curso pretende introduzir os temas da *complexidade*, da *contradição* e da *ambiguidade*, como marcadores daquele processo, tendo como referência a intervenção feita no domínio da Teoria da Arquitetura, por Robert Venturi, em seu clássico *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, de 1966. A perspectiva desenvolvida por Venturi, a meu juízo, poderá contribuir tanto para uma reflexão a respeito dos termos incluídos no título de seu livro mais conhecido, assim como sobre o tema da *ambiguidade* e de seus efeitos *construtivistas*, com implicações relevantes para o entendimento dos temas de Blumenberg, Elias e Goodman.

EMENTA	<p>Trata-se, pois, de investigar, com base em obras de Hans Blumenberg (<i>A legitimidade da Idade Moderna</i>) e Norbert Elias (<i>O processo civilizador</i> e <i>A sociedade dos indivíduos</i>), alguns dos elementos presentes no que passo a denominar como o <i>processo da modernidade</i>. <i>Processo</i>, e não <i>projeto</i>, na medida em que os marcadores de intencionalidade e terminalidade serão problematizados ao longo do curso. O tema da intencionalidade, por exemplo – sempre presente no uso inflacionado da ideia de “projeto” –, será considerado como fator inscrito em contextos de complexidade processual, e cujos efeitos aparecerão – se tanto – como inapelavelmente dissipados, combinados e ambíguos.</p> <p>As macro-imagens postas por Blumenberg – a da <i>legitimidade da idade moderna</i> - e Elias – a de <i>processo civilizador</i> – podem ser tomadas como intuições convergentes a respeito da configuração do <i>processo da modernidade</i>. Pela abordagem sugerida por Blumenberg, o processo não resulta de uma secularização de motivos religiosos – hipótese defendida por Karl Lowith e Carl Schmitt - , mas de inovações particulares, cuja força o fez mobilizar a ideia de <i>legitimidade</i>. Já o ângulo introduzido por Elias, de natureza histórico-sociológico-cultural, ensina-nos a pensar, um pouco à moda da Ilustração Escocesa (sobretudo a partir de David Hume e Adam Ferguson), a respeito de uma ideia de <i>processo aberto e sem terminalidade</i>, marcado pela emergência continuada de consequências não antecipadas. Em suma, não há destino e tudo pode ser desfeito.</p> <p>Imagino que, com a fusão ou a aproximação das duas intuições, seja possível obter uma representação do processo da modernidade, alternativa aos juízos de desconstrução que sobre ele se têm feito, hoje tornados hegemônicos. Com efeito, um dos pontos cruciais do processo simbólico e cultural da modernidade diz respeito à construção/invenção de um tipo de sujeito a um só tempo fixado em <i>circunstâncias particulares</i> – tal como já posto por Michel de Montaigne, no século XVI e Pierre Bayle, no século seguinte – e em <i>circunstâncias imaginativas</i>, que o associam a dimensões abstratas e invisíveis. Tal inclinação à alucinação – registrada de modo forte por Thomas Hobbes, no século XVII, quando sustentava ser o “privilégio do absurdo” um traço antropológico – esteve presente na composição – no sentido</p>
---------------	--

	<p>estético e construtivista - de um sujeito que, sendo fixado em uma circunstância particular acaba, pelas artes da imaginação e da abstração, por alargar os horizontes e a profundidade de sua própria “particularidade”.</p> <p>Não é difícil localizar no âmbito da história da filosofia moderna investimentos intelectuais voltados para sustentar e/ou explicar tal capacidade de generalização. Desde profissões filosóficas de fé a respeito da vigência, em meio à variedade dos humanos, de um sujeito universal dotado de razão e preenchido por “noções gerais”, até proposições mais deflacionadas fundadas em “virtudes naturais” de ordem emotiva, é possível encontrar inúmeros modos de representação a respeito do caráter híbrido de um sujeito a um só tempo particular e genérico (ou, de modo mais prudente, “generalizável”).</p> <p>Trata-se, em suma, de dar a ver os elementos de <i>construção</i> desse sujeito híbrido, e da forma de vida que o contém.</p>
AVALIAÇÃO	<p>Categoria Trabalho Final</p> <p>CATEGORIA 3</p>
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	<p>Hans Blumenberg, <i>Legitimation of the Modern Age</i>, Cambridge: The MIT Press, 1998.</p> <p>Norbert Elias, <i>A sociedade dos indivíduos</i>, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.</p> <p>Norbert Elias, <i>O processo civilizador</i>, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.</p> <p>Robert Venturi, <i>Complexity and contradiction in architecture</i>, New York: MOMA, 1966</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	<p>Amos Funkenstein, <i>Theology and the Scientific Imagination from the Middle Ages to the 17th Century</i>, New Jersey: Princeton, 1968</p> <p>Marcel Gauchet, <i>Le Désenchantement du Monde</i>, Paris: Gallimard, 1985</p> <p>_____, <i>L’Avenement de la Démocratie: La révolution moderne</i>, Paris: Gallimard, 2007 [Caps 2, 3 e 4: “La Grammaire de l’autonomie” e “Le surgissement de l’État et l’éloignement du divin ” e “La fondation du droit et l’invention de l’individu”]</p> <p>Michael Allen Gillespie, <i>The Theological Origins of Modernity</i>, Chicago: University of Chicago Press, 2008</p> <p>Nelson Goodman, <i>Ways of worldmaking</i>, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1978.</p>

Karl Lowith, *Meaning in History*, Chicago: The University of Chicago Press.

Carl Schmitt, *Political Theology*, Chicago: University of Chicago Press, 2005

_____, *Roman Catholicism and Political Form*, Westport/London: Greenwood Press, 1996.

William Empson, *Seven types of ambiguity*, London: Chatto and Windus, 1949

Sheldon Wolin, *Politics and Vision: Continuity and Innovation in Western Political Thought*, Princeton: Princeton University Press, 2004

(Expanded Edition)